



## O ESPÍRITO DE PÍTON ERA POR NÓS OU CONTRA NÓS?

Eziongeber Vieira de Lima<sup>38</sup>

### Resumo

Um registro lucano que causa alguma dificuldade de interpretação é a mensagem do Espírito de Píton (pneuma Pythona) nos lábios da jovem escrava grega: “Estes homens são servos do Deus Altíssimo. Eles vos anunciam o caminho da salvação”. (At 16.17) Ao trazermos a expressão para seu verdadeiro contexto histórico-cultural, surgem ambiguidades semânticas que só podem ser percebidas através de uma análise mais acurada. Ao considerar tais ambiguidades a mensagem tornar-se-á clara, esclarecendo o possível paradoxo da passagem.

**Palavras-chaves:** Theos Hypsistos; sincretismo; contexto; exegese.

### Abstract

A Lucan record that causes some difficulty in interpretation is the message of the Spirit of Python (pneuma Pythona) on the lips of the Greek slave girl: “These men are servants of the Most High God. They proclaim to you the way of salvation”. (Acts 16:17) When we bring the expression to its true historical-cultural context, semantic ambiguities arise that can only be perceived through a more accurate analysis. By considering such ambiguities the message will become clear, clarifying the possible paradox of the passage.

**Keywords:** Theos Hypsistos; syncretism; context; exegesis.

<sup>38</sup> Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste, Mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo e Pós-graduação em “Mundo Judaico e Helênico: Língua, Cultura e Religião”, pela Faculdade Batista de São Paulo, Bacharel em Administração de Empresas e Pós-graduação em Gestão de Pessoas pela FCAP/UPE Universidade de Pernambuco. Professor na Faculdade Cidade Teológica Pentecostal. Lattes: 3047221776149713

## Introdução

Analisamos uma passagem conhecida cuja interpretação, caso não seja suficientemente cuidadosa, pode gerar entendimento equivocado. Propomo-nos compreender a proclamação do espírito que possui a jovem escrava pagã à luz de uma contextualização histórico-religiosa, permitindo-nos extrair um princípio ignorado, ou não percebido, pela maior parte dos comentadores desse texto:

Aconteceu que, quando íamos ao lugar de oração, veio ao nosso encontro uma jovem que tinha um espírito adivinhador e que, adivinhando, dava grande lucro a seus senhores. Seguindo Paulo e a nós, ela gritava: Estes homens são servos do Deus Altíssimo. Eles vos anunciam o caminho da salvação. Ela fez isso por muitos dias. Mas Paulo, já aborrecido com isso, voltou-se e disse ao espírito: Eu te ordeno em nome de Jesus Cristo que saias dela. E na mesma hora ele saiu.” (At 16. 16-18), Almeida Século 2, οἱ τοῦ θεοῦ τοῦ ὑψίστου εἰσὶν, οἵτινες καταγγέλλουσιν ὑμῖν ὁδὸν σωτηρίας. (Novum Testamentum Graece, N28), estes homens são servos do Deus Altíssimo. Eles vos anunciam o caminho da salvação. (Craig L. Blomberg, 2019, p. 87).

O aparato crítico não aponta para variantes textuais relevantes no texto em análise, que poderiam alterar de forma significativa seu entendimento. A variante digna de nota seria ἡμῖν/ὑμῖν (nos/vos) as quais apresentam apoio em diversos manuscritos, com a preferência para ὑμῖν (vos) que parece mais apropriado no contexto.

A questão colocada está na mensagem proferida pela jovem adivinha. Seu anúncio parece ser genuíno e é repetido seguidamente. O apóstolo, no entanto, se ira e repreende o espírito que possuía a jovem. Nesse ponto parece faltar coerência nos fatos.

O comentarista Blomberg admite que a mensagem seja totalmente verdadeira, mas não desejável. Howard Marshall comentando o texto não consegue perceber nada estranho nas palavras do espírito adivinhador, que na verdade trouxe publicidade aos missionários:

O efeito da proclamação da jovem, que foi repetida no decurso de muitos dias, cada vez que se encontrava com Paulo, foi dar aos missionários uma publicidade inesperada. Paulo não fez tentativa alguma para tratar do caso na primeira ocasião, por razões que não ficam claras. Talvez, de início, os gritos da jovem não parecessem perigosos; na realidade, não havia sugestão alguma de que ela era hostil aos missionários. (Marshall, 2001, p. 254)

Outros enfatizam a questão socioeconômica da escrava, como se percebe no Comentário Bíblico Latino-Americano:

A situação da moça era muito difícil: como mulher, como escrava e como explorada economicamente em sua capacidade espiritual de falar discursos inspirados. A moça não está endemoninhada e o que ela diz aos missionários é teologicamente correto... Paulo não atua movido pelo espírito profético, e sim porque está cansado e chateado com os gritos! (Levoratii, 2010, p. 731, tradução nossa).

Parte dos estudiosos faz imediatamente a ligação da mensagem da escrava adivinha com as palavras dos demônios referindo-se a Cristo, registradas nos Evangelhos, como Richard Longenecker: “Seu grito lembra o dos demônios durante o ministério de Jesus (Mc 1.24; 3.11; 5.7; Lc 4.34, 41; 8.28). Em ambos os casos houve um reconhecimento compulsivo do verdadeiro caráter daqueles confrontados” (Gaebelein, 1981, p 462, tradução nossa).

Quando a mensagem da moça adivinha é lida sem levar em conta o cenário cultural, o entendimento é que se tratava de um testemunho legítimo e absolutamente apropriado. É o que se pode perceber nas anotações de algumas bíblias e em alguns comentários populares. Na anotação da Bíblia Sagrada Vozes (1985, p. 1321) lemos “Como Cristo, também Paulo não quis aceitar o testemunho do pai da mentira”.

Vale a pena registrar uma observação de D. A. Carson (2012), estudioso do Novo Testamento, analisando a Exegese e suas falácias:

O ponto-chave da questão é que semântica, significado, é mais do que o significado de palavras. O problema envolve frases, orações, discursos, gêneros, estilos, e requer não só estudos sintagmáticos de palavras (que relacionam umas às outras), mas também estudos paradigmáticos (que questionam por que esta e não aquela palavra é usada). (Carson, 2012, p. 61).

Essa é a tarefa nesse caso!

## 1 - Cenário cultural introduzido por Lucas

Somos conduzidos a interpretações enganosas quando igualamos os exorcismos: o de Paulo, em

Filipos, e o de Jesus, nos Evangelhos. O mesmo Lucas que registrou exorcismos ocorridos no seu evangelho, num ambiente judaico, no qual os demônios eram denominados de espírito imundo (pneuma akatartou) ou espírito maligno (pneuma poneron), no seu registro de Atos não usa esses termos. Trata-se de uma “jovem que tinha um espírito adivinhador”, ou πνεῦμα πύθωνα, pneuma pythona (espírito de Píton), e que, adivinhando (manteuestai) dava grande lucro para os seus senhores.

O termo grego para adivinhar “manteustai” é um hápax neotestamentário, isto é, é um vocábulo que não se encontra noutro lugar no Novo Testamento. A Septuaginta, porém, o utiliza (e seus derivados) em vários momentos para traduzir a palavra hebraica para adivinhação (cuja raiz é qsm), como na história da médium de En-Dor. A Septuaginta usa esse termo e a palavra gnostes para adivinha (I Sm 28.9). Mas Lucas usa gnostes com o significado de versado, instruído, conhecedor (At 26.3). Embora pudesse nomear a jovem simplesmente como mantis, isto é, adivinha, ele prefere dizer que ela tinha um pneuma pythona, um espírito de Píton.

A expressão “espírito de Píton”, traduzida como “espírito adivinhador”, exige um mergulho na cultura grega. Os gregos acreditavam que Píton era uma serpente gigantesca que disputava com o deus Apolo a posse do oráculo da cidade de Delfos. Apolo a venceu e a matou, recuperando a posse do oráculo, onde atuava a pítia, que era a sacerdotisa adivinha que exercia seu ofício em frente a uma trípode coberta com a pele da serpente Píton, morta por Apolo. Espírito de Píton, portanto, é o espírito de adivinhação.

A vidente ou adivinha também pode ser denominada de Pítia. Não se sabe ao certo

como as adivinhações aconteciam no oráculo em Delfos, mas pode-se afirmar que

[...] a Pítia fornece resposta a partir de inspiração interior. Muitos estudiosos supõem que ela era tomada por violentas contorções e proferia apenas uns farrapos de palavras quase ininteligíveis, outros acreditam que ela se sentava mais ou menos calma em seu banco e trabalhava de modo rotineiro (Klauck, 2011, p. 200).

Prieto (2007, p. 50) observa que “se Lucas emprega um modelo evangélico [de exorcismo], ele o transpõe para um outro cenário cultural, onde tal espírito não é, no geral assimilado a um espírito demoníaco ou impuro”.

No Comentário Broadman (1994), lemos:

Entre os judeus helenistas e adoradores gentios de Deus, ‘Altíssimo’ era o nome de Yahweh. Salvação para a jovem, significava o que normalmente queria dizer para o povo do mundo helênico. Era um escape ou libertação dos poderes que controlavam os destinos do homem. Desta forma a jovem escrava estava dizendo ao povo, enquanto seguia os missionários, que eles estavam proclamando um caminho de libertação do destino, pelo poder de Yahweh, o Deus dos judeus (Allen, 1994, p. 120).

O pressuposto desse tipo de afirmação é que tanto a escrava quanto seus ouvintes eram judeus ou gentios tementes a Deus. O que necessariamente não corresponde ao cenário descrito por Lucas. Nessa interpretação, que não leva em conta o contexto greco-romano, o exorcismo é visto em total semelhança aos

que são narrados nos evangelhos, assim como a mensagem da jovem também é identificada com Yahweh e a salvação que dele se origina.

## 2 - Deus Altíssimo (Ho theos ho hypsistos)

F.F.Bruce (1954) nos chama a atenção para o fato que:

Deus altíssimo era um título que provia para judeus e gentios um denominador comum conveniente para o Ser Supremo, e ‘salvação’ no sentido religioso era tão avidamente buscada tanto por gentios como por judeus” (BRUCE, 1954, p. 333, tradução nossa).

Para o correto entendimento do termo, essa ambiguidade semântica exige duas atitudes: primeiro que se estabeleça corretamente qual o contexto em que Theos Hypsistos (Deus Altíssimo) é empregado, e segundo que o termo seja empregado com muito cuidado.

Não se faz necessário falar muito sobre o uso de Theos Hypsistos no meio judaico. A Septuaginta traduz El-Elyon (Gn 14.19-20), o Deus Altíssimo de Melquisedeque Theos Hypsistos, e há registros abundantes em todo o Antigo Testamento de Hypsistos (O Altíssimo), especialmente nos Salmos.

Entretanto, estudiosos perceberam que em períodos mais recentes (considerando que a Septuaginta surgiu por volta do século II a.C), em Filo de Alexandria e Flávio Josefo (dois judeus helenizados, que foram praticamente contemporâneos de Lucas e Paulo), a expressão Theos Hypsistos, ou simplesmente Hypsistos passou a ser usada com mais cuidado pelos judeus:

Embora a evidência seja muito limitada, podemos sugerir que Josefo também considerou o termo como propenso a encorajar mal-entendidos e sincretismo, e, portanto, tinha muitas conotações em sua sociedade para que ele pudesse usá-lo livremente. Concluimos que o termo *Hypsistos* é encontrado de forma significativa em alguns escritos judaicos. Notamos que, para alguns autores, era considerado como um termo que seria facilmente entendido pelos pagãos e poderia ser usado na boca dos pagãos para referir-se a Yahweh. Para Filo [e talvez para Josefo] foi também um título que teve que ser usado com cuidado por causa do perigo de mal-entendido. (Trebilco, 1989, p. 55, tradução nossa).

A preocupação dos judeus helenizados, como Filo e Josefo não era desprovida de sentido. Trebilco chama a atenção que “Zeus, o deus mais exaltado do Olimpo, era frequentemente descrito como Zeus *Hypsistos*. O culto de ‘Zeus *Hypsistos*’ foi plenamente reconhecido em alguns lugares. Por exemplo, sabemos de um templo de Zeus *Hypsistos* em Tebas, um recinto em Lassos, um sacerdote em Mylasa e um associação cultural em Edessa” (Ibidem, p. 52). O conteúdo de uma folha de papiro com o estatuto da comunidade cultural de Zeus *Hypsistos*, datada do final do período dos Ptolomeus (69-57 a.C), está disponível em português no livro de Klauck (2011, p.62-64).

Bauckam (2009, p. 110) quantifica o que Trebilco chama de “cuidado de Filo e Josefo”, calculando que, na literatura da época do Judaísmo do Segundo Templo (entre 250 a.C e 150 d.C), pode-se contar não menos que 284 ocorrências do nome “Altíssimo”. Porém, em Josefo e Filo, que concentram a maior parte do corpus de literatura judaica desse

período, conta-se somente catorze dessas 284 ocorrências. Bauckam ainda detalha que das 284 ocorrências, 250 são encontradas na literatura judaica palestinese, somente 34 na literatura da diáspora ocidental. Essa diferença clama por uma explicação.

A explicação está justamente no fato de que o uso da palavra no contexto não judaico, estaria carregado de ambiguidade. Diferente de El Elyon, *Hypsistos* é morfologicamente um superlativo, o qual pode ser usado como o maior de uma série de outros. Esse era o sentido ordinário no uso religioso helenístico. O deus Altíssimo era o mais elevado dos deuses. Esse foi o motivo pelo qual, na maior parte da literatura judaica da diáspora, evitava-se usar ὑψίστος (*hypsistos*) (Ibidem, p. 121).

No terceiro século, a obra “Contra Celso”, de Orígenes, traz-nos claro entendimento do significado de *Hypsistos* para um pagão como Celso, que foi um filósofo platônico do século II, crítico ferrenho do movimento cristão, através da sua obra “A verdadeira palavra”.

Celso dizia que “não faz diferença se chamamos Zeus o Altíssimo (ὑψίστου), ou Zen, ou Adonai, ou Sabaoth, ou Amon como os egípcios, ou Papaeus como os citas”. (Ibidem, p. 111). Pelo menos três referências em “Contra Celso”, Orígenes faz esse tipo de registro: 1.24; 5.41 e 8.69. Portanto, não é evidente que a mensagem do espírito de Píton era teologicamente correta e que anunciava Yahweh, o Deus Salvador! Ao analisar a expressão *Theos Hypsistos* utilizada por Lucas, no Evangelho e em Atos, Trebilco (1989) percebe também algo interessante. Quando utilizado no contexto judaico, Lucas utiliza apenas *Hypsistos* (Altíssimo), como em Lc 1.32,35,76; 6.35, At 7.48. Quando o contexto é gentio, ou vem dos lábios de um gentio, Lucas utiliza *Theos Hypsistos* como

na passagem que estamos analisando e Lc 8.28 (o endemoninhado gadareno). Podemos afirmar que Lucas reconhecia diferença de entendimento do termo num contexto judaico e num contexto grego (Trebilco, op. cit., p. 59).

Para determinar o contexto indaga-se: para quem se dirigia o oráculo da adivinha? Se o público fosse judeu, ou tementes a Deus, ou prosélitos, de fato, a mensagem remeteria seus ouvintes a Yahweh, Deus Todo-Poderoso, o Deus Altíssimo, como lemos no Comentário Broadman (Allen, 1994). Mas a multidão filipense era em sua grande maioria gentia e pagã. Podemos afirmar com certeza que existiam poucos judeus em Filipos.

Bruce (1954, p. 331) observa que quando Paulo visitava uma nova cidade, era prática sua ir ao local de culto judaico: a sinagoga. Em Filipos, contudo, parece não existir uma sinagoga, o que pode significar que havia muito poucos judeus no lugar. Se houvesse dez judeus homens, seria suficiente para constituir uma sinagoga, e nenhum número de mulheres poderia compensar a falta de um homem necessário para completar o quórum de dez. Então, em Filipos, há um lugar de reunião não oficial fora da cidade onde um número de mulheres (judias e gentias tementes a Deus) vinham juntas para o culto judaico de oração no sábado, uma vez que não poderiam constituir uma congregação oficial, uma sinagoga. Portanto, não há dúvida de que a multidão de ouvintes da mensagem insistente do espírito que possuía a escrava adivinha era de gentios pagãos. Se eram assim, como esses ouvintes entendiam a mensagem?

Keener (2014, comentário 16.17 Most High God) também levanta a questão apontando

para o tamanho diminuto e pouca significância da comunidade judaica em Filipos. Portanto, entenderiam os filipenses a mensagem do oráculo necessariamente em um sentido monoteísta?

Trebilco (op. cit., p. 60) reforça que o termo Theos Hypsistos não remeteria o ouvinte ao Deus de Israel, a menos que essa pessoa fosse um judeu ou um temente a Deus. Se os pagãos tivessem um bom conhecimento do judaísmo, eles de fato entenderiam que a referência era a Yahweh, mas que muitos pagãos tivessem tal conhecimento é improvável em uma cidade que parecia ter uma comunidade judaica muito pequena. Para um pagão, o termo nem implica monoteísmo. Simplesmente sugeriria a criação de uma hierarquia em seu panteão.

Talbert (2005) percebe e registra a possibilidade de ambiguidade e destaca o contexto pagão, seguindo Trebilco:

Embora o Altíssimo seja um título de Lucas para Deus e judeus o usassem para o Deus de Israel, os pagãos também empregavam o termo honorífico: por exemplo, para Zeus, para o Baal local, para uma deusa mãe, para Ísis. Em um contexto pagão como Filipos, as palavras da escrava teriam sido ambíguas, assim como suas palavras sobre “um [não ‘o’] caminho de salvação”. (Talbert, 2005, p. 142, tradução nossa).

Fitzmeyer (1998) afirma de forma precisa: “O que a frase ‘Deus Altíssimo’ significaria na boca de uma jovem escrava pagã grega é difícil dizer: provavelmente Zeus, o mais alto deus do panteão grego”. (Fitzmeyer, 1998, p. 586, tradução nossa).

### 3 - O caminho de salvação ou um caminho de salvação (At 16.17)?

Estes homens vos anunciam (kataggellousin hymin) o caminho da salvação (hodon soterias). Como ressaltou o F. F. Bruce (1954) salvação era algo avidamente buscada tanto por judeus quanto por gentios. Entretanto, o significado dessa palavra não era o mesmo para ambos. Longenecker observa:

E o anúncio da ‘salvação’ (soteria) - enquanto para Paulo e os judeus referia-se à libertação do pecado – para os gentios teria conotação de libertação dos poderes que governam o destino do homem e do mundo material. Foi, portanto, expresso em termos que os gentios pudessem entender, mas Paulo poderia construir a partir dessa base existente. (Gaebelein, 1981, p 462, tradução nossa).

Longenecker (1984) parece sugerir que o anúncio da jovem adivinha forneceria a Paulo uma possibilidade interessante de contextualização da mensagem de salvação. De alguma forma a adivinha seria uma espécie de precursora da mensagem do evangelho! Para esse estudioso o único problema é que estava havendo mais audiência para o demônio do que para os missionários:

Mas, enquanto as palavras inspiradas por demônios forneceram alguma publicidade gratuita para os missionários e ajudou a reunir uma audiência, quando continuou por muitos dias, tornou-se um incômodo. As palavras do demônio estavam sendo mais ouvidas do que a proclamação do evangelho! (Ibid, 1984, p. 462, tradução nossa).

Essa interpretação parte do pressuposto de que o espírito de Píton também estava participando da pregação do evangelho. Entretanto, quando levamos em conta o que já analisamos sobre Theos Hypsistos, e quando estudamos com mais cuidado o texto grego que alude ao hodon soterias (caminho de salvação), chegamos a outra compreensão.

As versões da bíblia em português não ajudam muito o leitor que não faz a leitura do texto grego. Consultamos a Bíblia de Jerusalém, a Almeida Revista Corrigida e Revista Atualizada, a Tradução Ecumênica e a Bíblia Vozes, além da Almeida Século 21. Todas elas trazem “anunciam o caminho da salvação” (At 16.17). A exceção encontrada foi a versão de acordo com os melhores textos em hebraico e grego. Nela lemos: “anunciam um caminho de salvação”.

O texto grego traz “kataggellousin (anunciam) hymin (a vós) hodon (caminho) soterias (de salvação)”. Não há artigo na palavra hodon. Quando uma palavra grega é desacompanhada do artigo, ela é denominada de “anartro”.

O grego koiné não apresenta artigo indefinido, como na língua portuguesa ou inglesa, somente o artigo definido. Na verdade, a ausência do artigo definido não obrigatoriamente exige o artigo indefinido na tradução. O tradutor precisará analisar o contexto e definir se utiliza ou não um artigo indefinido, ou até um artigo definido. Por isso, a tradução grega da maior parte das nossas versões não indica erro por parte dos tradutores, e sim, um engano no contexto levado em conta.

Marguerat (2003, p. 143) nos chama a atenção que

Seria um erro traduzir o caminho da salvação. É exatamente a ausência de qualquer artigo definido, na expressão grega que deixa indeterminada a identidade do ‘caminho’; pode ser qualquer um, o que denota definitivamente a tendência politeísta da mensagem.

Trebilco (1989, p. 64) ainda chama a atenção que ao usar *hodon* (caminho) num sentido metafórico em Atos, Lucas quase sempre usa o artigo. A única exceção além da passagem que estamos analisando é At 2.28, onde Lucas está citando a Septuaginta. Isso sugere que a omissão dos artigos por Lucas em At. 16.17 é significativo.

A maior parte das versões da Bíblia em inglês, semelhante às nossas versões em português, também faz a tradução com artigo definido “the way of salvation” (o caminho da salvação). Consultamos a King James Version, a New King James Version, a New International Version, a English Standard Version, e a New American Standard Bible. A exceção encontrada foi a World English Bible, onde lemos “a way of salvation” (um caminho de salvação).

De fato, a tradução mais indicada seria “eles vos anunciam um caminho de salvação”, deixando claro que se trata de algo não exclusivo. Em seu comentário do Livro de Atos, Stanley M. Horton (1990) faz questão de deixar registrado em nota de rodapé, observando o perigo envolvido na tradução: “O grego não traz artigo: ‘um caminho’, de preferência a ‘o caminho’. Satanás, contudo, não se importa de chamar o evangelho de ‘um caminho’ enquanto não dissermos que é o único caminho.” (Horton, 1990, p. 174)

Analisando a questão Prieto (2007, p. 51) observa:

Embora ‘caminho’ seja um termo que Lucas usa frequentemente para designar o ‘movimento cristão’ e ‘salvação’ evoque a figura de Jesus ‘salvador’ para o leitor, esse vocabulário tem seus equivalentes na cultura grega. ‘Caminho’ designa as escolas de filosofia. E, entre os gregos, a salvação era a meta de muitas promessas e orações ao Deus Altíssimo ou a outros ‘deuses salvadores’. Era também o objeto de iniciação de cultos místicos.

### **Considerações finais: sincretismo, o verdadeiro perigo**

Klauck (2011, p. 203), analisando as respostas dos oráculos, faz algumas observações bem pertinentes:

As respostas da Pítia podem ser bastante variadas. Isso já começa na forma linguística e no grau de inteligibilidade ou ininteligibilidade... podemos ver que a amplitude das enunciações verbais vai do balbúcio incompreensível até a arte do verso. Ela abrange declarações simbolicamente codificadas, assim como instruções simples, inequívocas.

Pelo que temos percebido através de tudo que foi exposto, as palavras da adivinha precisam ser interpretadas a partir de sua dubiedade. Há uma ambiguidade clara no seu oráculo, cujo objetivo é justamente confundir! Keener (op. cit., comentário 16.17 A Spirit’s Testimony)

também ressalta essa questão ao destacar que o anartro “caminho de salvação” não significava por si mesmo a única maneira de chegar a Deus. E essa proclamação se encaixa na reputação que os oráculos de Apolo tinham de sua ambiguidade.

Trebilco (1989, p. 60, tradução nossa) chama a atenção sobre Theos Hypsistos:

Havia muitos ‘Deuses supremos’ e um ouvinte pagão entenderia o significado do termo como sendo a divindade que ele ou ela considerava suprema. Os ouvintes não pensariam em Yahweh. Assim, o efeito primário do termo sobre os pagãos deve sido para enganá-los. Eles reconheceriam, não o Deus judeu, mas a divindade que eles pensavam ser o maior: Zeus, ou alguma outra divindade.

O antigo comentário britânico Peake ressalta a questão sincretista por trás das palavras do espírito de Píton:

Deus Altíssimo, um título do Deus de Israel frequentemente usado pelos gentios era também empregado em cultos sincretistas nos quais uma deidade suprema cujo título era derivado do Judaísmo era cultuada juntamente com deuses pagãos. Um sincretismo similar produziu o culto de Sabácio-Sabaoth. (Black, 1962, p. 911, tradução nossa).

Schnabel (2008, p. 94, tradução nossa) destaca:

[...] a maioria dos cidadãos de Filipos teria ligado “o Deus Altíssimo” com Zeus. Provavelmente Paulo viu o perigo de que as “proclamações” da menina pudessem

confundir pessoas que poderiam entender mal a própria proclamação de Paulo do único verdadeiro e Deus vivo em termos de uma fusão sincrética de ideias religiosas díspares.

Stott (1994, p. 298) parece perceber a sutileza da questão:

Por que um demônio se engajaria na obra da evangelização? Talvez o motivo final fosse desacreditar o evangelho, associando-o ao ocultismo na mente das pessoas.

O perigo percebido por Paulo na mensagem entregue pela jovem adivinha é identificado por Marguerat (op. cit., p. 145-146):

[...] consiste no fato de ela prender a pregação dos missionários cristãos na armadilha do sincretismo do ambiente. O Deus que Paulo e Silas anunciavam poderia ser Sabácio, como podia ser Zeus ou Javé... A esta mensagem inócua Paulo vai opor uma fórmula com teor maciçamente cristológico: ‘Eu te ordeno em nome de Jesus Cristo’.

Destacamos ainda as palavras magistrais de Prieto (2007, p. 52):

A escrava engloba os missionários e a fé deles numa fórmula teológica universal, enquanto Paulo quer afirmar a especificidade do cristianismo e do ‘nome de Jesus Cristo’. Paulo corre o risco de ver a sua pregação diluída nas religiões ambientes: seu Deus se defrontaria com o Deus Altíssimo ou com qualquer outro deus salvador, e a unicidade do Evangelho se tornaria ‘um’ caminho de salvação entre outros

(religiosos e filosóficos). Seria então Apolo o encarregado de fazer conhecer esse caminho cristão na Grécia. Mais do que a impertinência de um espírito gritador ou a publicidade de Apolo, o que ameaça realmente Paulo é de ser levado à função de pregador de uma divindade conhecida e, portanto, inofensiva.

O ambiente religioso greco-romano era profundamente sincrético. Os deuses dos romanos haviam se amalgamado no panteão helênico. Zeus é identificado com Júpiter, Ares com Marte, Ártemis com Diana e a lista prossegue. Especificamente em Filipos, as descobertas arqueológicas indicam a existência de um santuário de deuses egípcios, construído em um terraço artificialmente formado a meio caminho da acrópole (Friesen, 2022, p. 50). Pode-se afirmar ainda que “com a chegada do apóstolo Paulo em Filipos, e o estabelecimento da primeira assembleia cristã na Europa, a igreja cristã conviveu com instituições órficas, eleusianas e dionisiacas” (Ibidem, p. 128, tradução nossa).

Há por parte do apóstolo, com a ação envolvendo a jovem escrava, uma rejeição absolutamente clara de qualquer possibilidade de associação da mensagem do evangelho com qualquer outra divindade pagã que pudesse povoar o imaginário dos habitantes de Filipos.

Cumpre-nos ainda diferenciar a possível tentativa de sincretismo, proposta pelo “espírito de Píton” que possuía a jovem escrava, ao exercício de contextualização observado no discurso de Paulo em Atenas (At 17). Sincretismo e contextualização são ambos, aproximações. No sincretismo ocorre a identificação entre os entes divinos, de forma que se confundem um com o outro, em caráter e função. A contextualização é também uma

aproximação, mas na qual não se observa identificação.

Em Paulo, a mensagem do evangelho será exclusiva em termos de somente ela oferecer ao homem o perdão dos pecados, a salvação e a justificação pela fé em Cristo Jesus, inexistindo qualquer possibilidade de sincretismo com as crenças pagãs da época. A genialidade da mensagem contextualizada de Paulo, em Atos 17, é que ele usa intencionalmente a linguagem filosófica de seu público, não apenas para estabelecer o terreno comum, mas para transformar sua visão de mundo. Paulo é capaz de transmitir a revelação bíblica na linguagem e nas categorias de seus ouvintes gregos - sem, como N. T. Wright (1997, p. 81) ressalta, “dar um passo pela ladeira escorregadia do sincretismo”. Paulo encontra semelhanças entre as Escrituras judaicas e o pensamento helenístico para construir pontes apologéticas com seus ouvintes, mas todo o tempo trazendo um entendimento novo às estruturas de conhecimento pagãs.

A sugestão de sincretismo presente na fala do espírito de Píton através da jovem escrava indignou profundamente o apóstolo. Lucas usa o verbo διαπονέομαι (diaponeomai), “estar profundamente angustiado” ou “estar muito aborrecido”. Esse é o mesmo verbo usado anteriormente, em Atos 4.2, para descrever o sentimento do Sinédrio sobre a pregação dos apóstolos (ou seja, que Jesus ressuscitou dos mortos), “indignado”.

Ainda estava muito recente na mente de Paulo, enquanto fariseu, a abominação da desolação, ocorrida por ordem do Rei Antíoco Epífanes, em 168-165 a.C (I Macabeus 1.54). A abominação seria justamente a introdução de um culto sincretista em honra de Zeus Olimpo/Baal Shamem no Templo de

Jerusalém. Essa profanação desencadeou a Revolta dos Macabeus. Com a derrota dos exércitos selêucidas, o templo foi purificado e reconsagrado em 164 a.C. A Festa da Dedicção (ou Hanukkah) tornou-se um memorial à resistência dos judeus às tentativas de sincretismo religioso (MAIER, 2005, p. 162). Judas Macabeu determinou que os dias da dedicação do altar fossem celebrados anualmente com alegria e regozijo (I Macabeus 4.59).

A simples possibilidade de uma proposta sincretista era motivo para indignação por parte do apóstolo! Sabe-se que Paulo é uma personalidade forte, lúcido no pensamento e intransigente nos princípios. Keener (op. cit., comentário 16.17: A Spirit's Testimony) lembra que a relativização é inaceitável para Lucas e Paulo (At 4.12; Rm 3.29; 16.27; I Co 8.5-6; Gl 3.20; Fp 2.10). Não há dúvida que o apóstolo interpretou corretamente a mensagem ambígua do oráculo de Píton. A resposta a essa sutileza foi um confronto duro e direto com o espírito de Píton: “Eu te ordeno em nome de Jesus Cristo que saias dela”. E na mesma hora, ele saiu. (At 16.18).

Keener (op. cit., comentário 16.18) afirma que o uso por Paulo do nome de Jesus remove qualquer ambiguidade atrelada ao Deus Altíssimo ou a um caminho de salvação,

### Referenciais Bibliográficos

Bíblia Sagrada Almeida Século 21, 3ª Edição. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 1075.

Bíblia Sagrada, 12ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 1321.

Novum Testamentum Graece Nestle-Aland, 28ª Edição, 2012, Sociedade Bíblica do Brasil.

ALLEN, Clifton J. (editor). Comentário Bíblico Broadman vol 10. Tradução: Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, 463 p.

BAUCKAM, Richard. Jesus and the God of Israel. Grand Rapids: Eerdmans, 2009, 285 p.

BLACK, Matthew (editor). Peake's Commentary on the Bible. Londres: Thomas Nelson, 1962.

BRUCE, F.F. The Book of the Acts. Grand Rapids: Eerdmans, 1954, 555 p.

CARSON, D. A. Os Perigos da Interpretação Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2012, 144 p.

FITZMEYER, Joseph A. The Acts of the Apostles (Anchor Bible). New York: Doubleday, 1998, 864 p.

FRIESEN, Steven J. e outros (editor). Philippi, from Colonia Augusta to Communitas Christiana: Religion and Society in transition. Leiden/Boston: Brill, 2022, 512 p.

GAEBELEIN, Frank E. (editor). The Expositor's Bible Commentary. Vol 9. Grand Rapids: Zondervan, 1981.

HORTON, Stanley M. O Livro de Atos. Tradução: Amantino Adorno Vassão. Flórida: Vida, 1990, 253 p.

KEENER, Craig. Acts: An Exegetical Commentary. Volume 3: 15:1-23:35. Grand Rapids: Baker Academic, 2014.

KLAUCK, Hans-Josef. O entorno religioso do cristianismo primitivo I. Tradução: Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2011, 278 p.

LEVORATII, Armando J. (Editor). Comentario

Bíblico Latino-Americano: Nuevo Testamento. Estella: Editorial Verbo Divino, 2010.

LONGENECKER, Richard N. Acts. In Gaebelein, Frank E. (ed.). John and Acts. Expositor's Bible Commentary. Vol. 9 (Orig. ed.). Grand Rapids, MI: Zondervan, 1984.

MAIER, Johann. Entre os Dois Testamentos. Tradução: Fredericus Stein. São Paulo: Loyola, 2005, 335 p.

MARGUERAT, Daniel. A Primeira História do Cristianismo: Os Atos dos Apóstolos. Tradução: Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003, 347 p.

MARSHALL, I. Howard. Atos, Introdução e Comentário. Tradução: Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2001, 397 p.

PRIETO, Christine. Cristianismo e Paganismo, a pregação do evangelho no mundo greco-romano. Tradução: Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 2007, 133 p.

SCHNABEL, Eckhard J. Paul, the Missionary: Realities, Strategies and Methods. InterVarsity Press, Downers Grove, 2008, 518 p.

STOTT, John R. W. A Mensagem de Atos. Tradução: Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 1994, 462 p.

TALBERT, Charles H. Reading Acts. Macon: Smyth & Helwys, 2005, 263 p.

TREBILCO, Paul. Paul and Silas, servant High God, Acts 16.16-19. Journal for the Study of the New Testament 36, p. 51-73, 1989.

WRIGHT, N. T. What Saint Paul Really Said: Was Paul of Tarsus the Real Founder of Christianity? Grand Rapids: Eerdmans, 1997, 192 p.